



O desafio do novo

Juliana Felizardo da Silva

5

Assim como a personagem G.H., da grande autora Clarice Lispector, eu também não sei me entregar à desorientação e, por isso, tenho medo do novo, isto é, do que para mim é desconhecido. Mas, às vezes, precisamos quebrar esse tipo de barreira que criamos em nosso interior e nos deixar aventurar e desbravar lugares e experiências. E assim foi com meu primeiro estágio supervisionado, no qual pude compreender o funcionamento do ambiente escolar, agora não só pela ótica de aluna, mas também de futura professora. Entendo que bem mais que mediador de conhecimentos, o professor precisa ter um olhar para seus alunos, analisando fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem, que muitas vezes estão nos “extramuros” da escola.

Após quatro períodos de aprendizado na Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, era chegada a hora de observar se a prática convergia para o que vemos na teoria. Para isso, escolhi realizar o Estágio Supervisionado de Formação de Professores I na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (FLOCA), que fica localizada no Bairro de Mirassol, na Cidade de Natal. O colégio observado oferta dois níveis de ensino, os anos finais do Fundamental (8º e 9º ano) e o Ensino Médio, sendo este oferecido nas modalidades Regular e Técnico Integrado em Administração, nos turnos matutino e vespertino.

Diante desse contexto, várias reflexões foram suscitadas enquanto estive na escola e que, na verdade, continuam se perpetuando na minha formação e na maneira como enxergo o âmbito escolar agora. É como se o primeiro estágio fosse uma

pedrinha jogada no rio da minha mente e gerasse ondas que continuam a formar novas ondulações, ou seja, novos questionamentos no que se refere a fatores que estão além da escola e influenciam no processo de aprendizagem.

Entre as questões que me causaram inquietações, uma delas está relacionada aos estudos e ao trabalho na adolescência. Em um dia, observando a sala da coordenação, um aluno veio solicitar reposição de avaliações e ao ser questionado sobre o porquê de ter faltado em dia de prova e, pelo relato de uma das coordenadoras, alguns professores já haviam notado sua ausência nas aulas, o discente declarou que estava trabalhando no horário em que devia estar estudando. Diante da situação, a coordenadora conversou com o aluno, fazendo-o refletir sobre o que seria mais valoroso, investir em um futuro ou continuar no emprego que pode ser momentâneo. O discente disse que ia pensar sobre e daria uma resposta à equipe técnica, mas caso opte por continuar no emprego, terá que estudar em outra escola, já que o FLOCA não oferta aulas noturnas.

Esse caso é revelador não apenas da realidade de um só aluno em específico, mas da dura realidade que nos cerca. Não me parece ser uma questão de opção, mas sim de sobrevivência. Como fazer uma escolha quando as implicações sociais não dão oportunidade? No Brasil, há muitos jovens que estudam e trabalham e que assim como esse discente, não conseguem conciliar as duas atividades, o que acaba afetando na aprendizagem.

Além disso, outro momento que

vivenciei foi o de ver uma aluna com crise de ansiedade por causa de um trabalho escolar. Todavia, o caso dela não foi o único relacionado a saúde mental, outras situações foram presenciadas e me levaram a refletir sobre como essa é vista nas escolas, no porquê de não haver um profissional da área para atender os alunos, se isso é algo recorrente não só nessa instituição, mas é um mal que tem afetado boa parte da população, sobretudo em um cenário pandêmico como o que estamos vivendo.

Isto posto, apesar da escola em que realizei o estágio estar localizada em um bairro nobre, a comunidade que ela atende em sua maioria possui um quadro de vulnerabilidade social, muitos não conseguem atendimento com profissionais dessa área pelo Sistema Único de Saúde (SUS) devido à alta demanda existente e pelo estigma que cerca o acompanhamento psicológico, todavia, creio que tal apoio na escola melhoraria não só o processo de ensino-aprendizagem, mas também as relações entre alunos, professores e as relações destes discentes no “extramuros”. Ademais, diminuiria a responsabilidade atribuída à coordenação pedagógica, que às vezes não sabe como lidar com situações mais complexas, como saberia um profissional dessa área. O funcionário responsável por acompanhar os alunos com laudos já tentou parceria com o SUS, com instituições privadas e com a UFRN, mas não conseguiu obter esse suporte por nenhuma dessas vias.

Além desses problemas sociais, outros, como gravidez na adolescência, foram presenciados e foi de extrema importância observar como a coordenação pedagógica

lidou com esses fatos, trazendo para discussões entre a equipe, pensando em como lidar, o que fazer, como comunicar a família e tentar ajudar os alunos da melhor forma possível. Alguns desses temas foram trabalhados apenas com os envolvidos, mas poderiam ser pauta para conversas com toda a comunidade escolar, abordando conteúdos educativos, trazendo especialistas para dialogar com os discentes, averiguar quais problemáticas relacionadas à saúde mental mais os afetam e como podem ser amenizadas. Além de orientar os professores sobre como lidar com determinadas situações, como as relatadas anteriormente.

Voltando o olhar para o ambiente interno de uma escola, algo que é comum na maioria delas é a prova tradicional, prática que acabou se cristalizando e se tornando natural. Nos acostumamos a fazer enquanto éramos alunos e às vezes perpetuamos esse tipo de avaliação enquanto docentes. Mas até que ponto elas avaliam a aprendizagem? Observar o caos de uma semana de provas me fez refletir sobre a função das provas tradicionais no ambiente escolar, pois além de sobrecarregar a coordenação, professores e alunos, gerando neles também ansiedade, parecem-me não colaborar com o processo de aprendizagem, já que toda essa carga sobre os discentes podem influenciar nos resultados que terão, evidenciando mais o que eles decoraram do que de fato aprenderam. Dessa forma, avaliações formativas e diagnósticas parecem ser um caminho mais eficaz para ajudar a garantir a aprendizagem.

Tendo em vista essas colocações, minha experiência no Estágio me permitiu

observar questões que envolvem o cotidiano do ambiente escola que foram importantes para minha formação, tanto profissional quanto pessoal, pois pude construir um olhar crítico sobre realidade que cerca o ensino. Além disso, foi possível analisar o exercício da docência como integrante de um conjunto de fatores que exercem influência no processo de ensino-aprendizagem, entre os quais estão: a realidade social e econômica; as práticas educacionais; a organização e planejamento de fatores que englobam o ambiente acadêmico e as condições de ensino.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Tatyana; NORONHA, Claudiany. **O período de observação da escola: criando um outro olhar sobre os espaços, sujeitos, e ações de uma antiga conhecida nossa.** Estágio supervisionado interdisciplinar (Módulo 3), Natal, RN: SEDIS, 2008.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Maria Lúcia Santos Ferreira da. **Estágio curricular: desafios da relação teoria e prática.** _____ (Org.). **Estágio curricular: contribuições para o redimensionamento de sua prática.** Natal, RN: EDUFRN, 2005. Coleção Pedagógica n. 7.

Projeto Político Pedagógico. Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti. Natal, 2019.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação,** Brasília, Plano Editora, 2003.